

## MEMÓRIA, SABERES POPULARES E PRAXIS: O “PROJETO RESGATANDO SABERES...” NO BAIRRO PADRE ULRICO (FRANCISCO BELTRÃO-PR)

### MEMORY, POPULAR KNOWLEDGE AND PRAXIS: THE "RESGATING KNOWLEDGE PROJECT..." IN THE “BAIRRO PADRE ULRICO” (FRANCISCO BELTRÃO-PR)

Luiz Carlos Flávio\*  
Luiz Carlos da Silva\*\*

#### RESUMO

O presente artigo objetiva apresentar a experiência do projeto “Resgatando Saberes, cultivo e uso de plantas medicinais no Bairro Padre Ulrico em Francisco Beltrão-PR”. Esse Projeto realizado em parceria entre a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), através do Programa de Extensão “Universidade sem Fronteiras”, da Secretaria de Estado da Ciência e entidades parceiras como o “Coletivo de mulheres agricultoras de Francisco Beltrão”, Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão e moradores do Bairro Padre Ulrico, visa o resgate dos saberes populares que com o passar das gerações acabam se perdendo devido a massificação do conhecimento, favorecendo assim setores econômicos que visam primordialmente o lucro. Diversas ações de valorização da utilização das plantas medicinais na vida cotidiana foram realizadas como a construção da horta, cursos sobre o manejo, o consumo e o cultivo das plantas medicinais, além do trabalho realizado junto aos alunos do Colégio Léo Flach, localizado no Bairro Padre Ulrico, como forma de conscientização e esclarecimentos relacionados ao uso e cultivo das plantas medicinais.

**Palavras-chave:** Plantas Medicinais, políticas públicas, cultura

#### ABSTRACT

This article objective to present the experience of the project "Rescuing Knowledge, Cultivation and Use of Medicinal Plants in the Padre Ulrico Neighborhood in Francisco Beltrão-PR". This Project was carried out in partnership between the State University of the West of Paraná (UNIOESTE), through the Extension Program "University without Frontiers", of the State Department of Science and partner entities such as the "Women's Farmers' Collective of Francisco Beltrão", Francisco Beltrão City Hall and residents of the Padre Ulrico Neighborhood, Aims at the rescue of the popular knowledge that with the passing of the generations end up being lost due to the massification of knowledge, thus favoring economic sectors that aim primarily at the profit. Various actions of valorization of the use of medicinal plants in daily life were carried out as the construction of the garden, courses on the management, consumption and cultivation of medicinal plants, In addition to the work carried out with the students of the Léo Flach College, located in the Bairro Padre Ulrico, as a way of raising awareness and clarifications related to the use and cultivation of medicinal plants.

**Keywords-** Medicinal Plants, public politics, culture

---

\* Professor adjunto em Geografia Licenciatura e Bacharelado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão- PR. E-mail: lucaflavio@gmail.com.

\*\* Acadêmico do 4º ano do curso de Geografia Licenciatura da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) Campus de Francisco Beltrão- PR. E-mail: luizamanciosilva@outlook.com



## 1. INTRODUÇÃO

No decorrer da história da humanidade, a salvaguarda e utilização dos saberes populares historicamente acumulados e passados de geração em geração tem sido um importante recurso para a sobrevivência e a qualidade de vida das populações. Isso tem ocorrido, por exemplo, no caso dos saberes vinculados ao cultivo e uso de plantas medicinais.

A difusão dos conhecimentos populares acerca das plantas medicinais, no Brasil, tem se apresentado como importantíssima forma de conservação dos patrimônios históricos, culturais e naturais envolvendo o rico acervo de saberes presentes nas culturas locais, regionais e nacionais no que concerne ao uso de plantas em processos de cura de doenças, pelas populações.

Entretanto, os saberes populares têm sido objeto de importantes lutas efetivadas por pessoas/grupos/instituições que buscam manterem mantê-los vivos, fazendo frente à cultura mercantil disseminada pela indústria farmacêutica capitalista. A indústria capitalista em geral tem investido contra os modos de fazer/produzir tradicionais identificados com a cultura popular. Tomando mão de armas de persuasão (ideologias) disseminadas nos *mass media*, a indústria cultural age em toda a sociedade tentando impor às populações modos de se alimentar, se vestir, se divertir, se locomover, bem como formas industriais de produção/consumo de remédios os quais, via de regra, obedecem à lógica capitalista balizada na obtenção de lucros.

Assim, a indústria farmacêutica tem tentado impor às populações seus modos de curar doenças, condicionando o esquecimento, pelas classes populares, das formas tradicionais de buscar a cura de enfermidades com o uso da medicina popular ou alternativa a qual tem em seu favor todo o acervo do patrimônio histórico, cultural e natural relacionado às plantas medicinais.

Todavia, frente a tais processos e interesses, têm surgido formas de resistência dos conhecimentos populares tradicionais. Movimentos envolvendo diversas populações, entidades, instituições têm implementado ações de resgate dos “saberes antigos” ligados ao uso das plantas medicinais para pô-los a serviço das populações, sobretudo as mais pobres. O uso das plantas medicinais se põe, assim, como modo antigo, mas eficiente em termos de fácil acesso às populações, sendo forma barata da cura de doenças, além de muitas vezes ser vantajosa por produzir menos ou nenhum efeito colateral aos seus utilizadores.

O presente artigo objetiva apresentar a experiência do projeto “Resgatando Saberes, cultivo e uso de plantas medicinais no Bairro Padre Ulrico em Francisco Beltrão-PR”. A partir de uma ação da extensão universitária, o projeto se colocou como interlocutor de um movimento de resgate da memória referente aos saberes populares sobre plantas medicinais em um bairro da cidade de Francisco Beltrão. E, à memória dos saberes populares, somou-se um trabalho de pesquisa científica sobre as plantas medicinais com o fito de reunir experiências/saberes capazes de contribuir sobretudo para aprimorar a saúde das populações.

O artigo está assim estruturado:



Num primeiro item, teceremos uma breve discussão acerca da importância da memória, do esquecimento e das resistências e continuidades dos patrimônios culturais no cotidiano das populações.

No segundo item, apresentaremos a experiência ocorrida no Sudoeste do Paraná, em Francisco Beltrão, qual seja, referente ao “Projeto resgatando saberes: o cultivo e uso de plantas medicinais no bairro Padre Ulrico, em Francisco Beltrão-PR”.

No terceiro item, discorreremos o tema: “O livro do ‘Projeto resgatando saberes...’: o resgate das plantas medicinais para um melhor viver”. Nele evidenciamos a importância da publicação do livro efetivado pelo projeto, em termos de contribuição para a divulgação dos saberes popular e também científico.

E, por último, tecemos nossas considerações finais, com algumas palavras sobre a necessidade de uma universidade que abrace umas práxis voltada à resolução dos problemas de nossas populações...

### **A memória, o esquecimento e o resgate dos patrimônios culturais referentes as plantas medicinais.**

Memória destrocada,  
Sociedade debilitada.  
Memória dilacerada,  
Sociedade alienada.  
Memória destruída,  
Sociedade dissolvida, corrompida,  
Precarizada, tornada perdida,  
Com vida subdesenvolvida...  
Memória resgatada,  
Repassada, criticada, arazoada,  
Sociedade reencontrada.  
Memória cultivada,  
Sociedade despertada, alumiada.  
Memória salvaguardada,  
Sociedade identificada,  
Ativada, qualificada, organizada,  
Tornada comprometida  
Com vida desenvolvida!  
(Memória e sociedade, poema inédito de Luiz  
Carlos Flávio)

A memória é elemento socialmente produzido eivado de um poder simbólico de fundamental importância na produção territorial das populações. A partir das experiências vividas e das representações que nos arremetem ao passado, os homens trabalham nos



processos de apropriação da natureza. O saber-fazer-pensar-agir são tributários da memória. Ela conserva conhecimentos pretéritos postos a serviço do presente e do futuro (FLÁVIO, 2011; 2013).

Referindo-se à relação entre território e memória, Raffestin (2009, p. 31) assevera que:

Na produção territorial sempre tem um ponto de partida que nunca é ileso das ações do passado. O processo territorial desenvolve-se no tempo, partindo sempre de uma forma precedente, de outro estado de natureza ou de outro tipo de território. Deus partiu do Caos, isso não pode acontecer com os homens, mesmo se tivessem a sensação que os seus predecessores fossem “caóticos”.

Reencontrar o passado é ponto fundante para pensarmos em aprimorar nossas experiências. Parafraseando a feliz expressão de Ítalo Calvino (1990, p. 29), se não viajarmos para reviver o nosso passado, não (re) encontraremos o futuro! ... O passado avaliza nossas ações, sendo os saberes a partir dele criadas forças produtivas para aprimorarmos nosso presente e futuro enquanto sujeitos que participamos e recriamos a vida coletiva (socialmente produzida).

Sendo elemento simbólico da maior importância nas relações de poder que buscam controlar os territórios e territorialidades humanas, a memória é objeto de disputas entre as classes sociais. Pois passa por ela a construção dos conhecimentos (ideias, costumes, tradições) que servem à apropriação da natureza e do trabalho dos homens, bem como à cristalização de imaginários capazes de mobilizar ações de circulação e consumo das produções, definindo assim as territorialidades humanas.

O debate sobre a importância da memória também evoca a necessidade de contextualização da questão do esquecimento como elemento importante nos processos territoriais. Para Frisby (2007), nas lutas e jogos de poder os poderosos se esforçam por impor sua visão de mundo aos povos a fim de se tornarem vencedores. E, estabelecendo suas verdades como válidas, podem assim impor suas representações (modos de ver, interpretar) e interesses aos grupos vencidos.

Para Ricoeur (2000), nas disputas para dominar a história, o esquecimento se torna arma que interfere nas leituras de mundo dos grupos sociais. À medida que um grupo impõe sua memória a outros grupos, as representações estabelecidas como válidas acolhem formas de entendimento do que o mundo foi, é e poderá vir a ser. E condiciona o surgimento do esquecimento (de fatos, processos, lutas ocorridas etc.) que dificultam os homens a tecerem leituras mais críticas sobre sua própria história.

Ligado a tal questão, o Brasil experimentou nas últimas décadas do século passado um acelerado processo de urbanização acompanhado de um forte êxodo rural que testemunhou a desterritorialização e a migração (campo/cidade) de milhares de camponeses.

Este momento foi acompanhado de um notável avanço das forças produtivas representadas pelas indústrias têxtil, alimentícia, farmacêutica, dentre outras. Conjuntamente com o advento de tais indústrias, processaram-se também severas mudanças nas formas de existência humana, notadamente no que toca à saúde das populações urbanas e rurais.



Com o avanço da indústria farmacêutica, o “negócio do remédio” se colocou como elemento fundamental sobretudo para as populações urbanas. Houve uma aceleração da produção de remédios (comprimidos, vacinas, xaropes, além de cirurgias etc.). E, por outro lado, a indústria farmacêutica investiu pesadamente no convencimento de que as formas mercantis de medicação são mais adequadas à vida nas cidades e até mesmo no campo, se comparadas aos remédios oferecidos pela medicina popular/tradicional.

Considerando os processos de desterritorialização vistos a partir de então, o avanço das formas capitalistas de produção (indústria farmacêutica) contribuiu sobremaneira para provocar a perda dos saberes tradicionais (e da memória) ligados ao cultivo e o uso das plantas medicinais. O sepultamento dos saberes/conhecimentos, da memória dos grupos sociais colocam em questão a,

existência tanto das identidades, como também até mesmo ligada à própria sobrevivência física dos mencionados grupos.

Vale mencionar a lição de Heller (2007, p. 06):

Siempre que la memoria cultural cae en el olvido, un grupo de personas desaparece, con independencia de que la circunstancia quede registrada o no en los libros de história. (...) La presencia o la ausencia, la vida o la decadência de um pueblo no depende de la supervivencia biológica de un grupo étnico, sino de la supervivencia de la memoria cultural compartida.

O esfacelamento da memória e o esquecimento dos saberes que contribuem para a melhoria da saúde humana passou a colocar em risco todo um conhecimento que remonta a dezenas, centenas de anos da história brasileira; e que nos arremete aos ensinamentos dos antigos indígenas, negros, caipiras, caboclos, descendentes de europeus, asiáticos etc., os quais estão na origem das matrizes de toda a hibridizada população brasileira em sua fantástica miscigenação, para lembrar Darcy Ribeiro (1985).

Todavia, fazendo frente a tal processo de sepultamento da memória, tem se sobressaído nas últimas décadas, no Brasil, um movimento de “patrimonialização da vida”, das vivências, da memória social. Este se caracteriza pelo resgate da memória e dos patrimônios com o fito de conservar/resgatar heranças, identidades, experiências, valores tanto materiais quanto imateriais/simbólicos dos povos. Trata-se de um movimento que mira a democratização do acesso a patrimônios históricos, culturais e naturais capazes de contribuir para a melhoria das condições de vida das populações (MENESES, 2012).

Dentre outras experiências de resgates patrimoniais transcorridos no período recente, apresentaremos neste artigo uma experiência singular ocorrida no Sudoeste do Paraná, em Francisco Beltrão. Trata-se da experiência pertinente ao “Projeto resgatando saberes: o cultivo e uso de plantas medicinais no bairro Padre Ulrico, em Francisco Beltrão-PR”.

É sobre ele que discorreremos no texto a seguir.





## **2. PROJETO “RESGATANDO SABERES O CULTIVO E USO DE PLANTAS MEDICINAIS NO BAIRRO PADRE ULRICO EM FRANCISCO BELTRÃO-PR: uma experiência de resgate do patrimônio cultural**

Retratar as experiências envolvidas com o resgate de patrimônios culturais envolvendo a participação das comunidades na valorização dos saberes populares é uma tarefa importante que deve ser valorizada pelo fazer-pensar-refletir acadêmico. Pois quando enveredamos por umas práxis que nos permita pensar e formular um debate capaz de mobilizar ações/experiências ricas e capazes de provocar intervenções na realidade, assim contribuimos efetivamente para um enriquecimento da substância humana, para parafrasearmos Agnes Heller (1985).

Para Flávio e Santos (2017) o resgate da cultura referente às plantas medicinais envolvendo culturas esquecidas (no campo e na cidade) tem sido suscitado por populações/entidades/instituições/grupos sociais que vêm fomentando nos últimos anos ações de confrontação dos interesses da “indústria dos remédios”. Este foi um dos elementos presentes no contexto do advento do projeto “Resgatando saberes: o cultivo e uso de plantas medicinais no bairro Padre Ulrico, em Francisco Beltrão-PR”.

O referido projeto ganhou existência no bairro Padre Ulrico, localizado na cidade de Francisco Beltrão. O bairro se destaca por ser fruto direto e indireto de um processo acelerado de êxodo rural ocorrido em Francisco Beltrão e região Sudoeste do Paraná a partir dos anos 1970/80, processo este marcado por forte desterritorialização de camponeses pobres/empobrecidos face ao avanço da denominada “Revolução Verde” (FLÁVIO, SANTOS, 2017).

De modo sintético, o bairro se caracterizou desde seus primórdios como receptor de parte das populações desterritorializadas no campo. Estas inicialmente ocupavam espaços variados da cidade em locais habitados por populações de baixa renda. Em geral essas populações eram consideradas “populações-problema”, já que se caracterizavam por ocuparem territórios considerados favelas, morando em casebres/áreas de risco/alagadiças, em locais de ocupação irregular ou situados em beiras de rios e ruas/avenidas/rodovias da cidade, oferecendo “paisagens feias” aos transeuntes da cidade.

Mediante políticas do Estado/Município para extirpar da paisagem urbana tais cenários de habitação precária, houve a construção de casas, em várias temporalidades, que foram sendo paulatinamente edificadas na localidade que se tornaria o atual bairro Padre Ulrico.

Assim, os moradores do bairro em questão são parte dessa estirpe de população cujo histórico remonta a processos tanto de êxodo rural quanto de migrações intra-urbanas em grande medida forçadas pelo poder público.

Ocorre que, no contexto em tela, desde 2014 havia já o interesse de um grupo denominado “Coletivo de mulheres agricultoras de Francisco Beltrão” em resgatar estudos sobre o uso de plantas medicinais. Tal interesse em retomar a valorização de tais saberes populares havia sido desenvolvido, inclusive, anteriormente por um grupo de mulheres agricultoras do Sudoeste do Paraná já nos idos dos anos 1980.



Foi neste contexto que surgiu a ideia, por parte de professores da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) de encaminhar um projeto de extensão universitária com o endereço de realizar atividades voltadas ao resgate dos saberes populares referentes ao cultivo e uso das plantas medicinais, numa proposta de experiência a ser desenvolvida envolvendo a população do bairro Padre Ulrico e a participação de outras entidades parceiras.<sup>1</sup>

### 3. PRINCIPAIS AÇÕES DO PROJETO RESGATANDO SABERES

A realização do “Projeto resgatando saberes...” envolveu, além de professores/estudantes da Unioeste, bolsistas formados em Geografia, Engenharia Ambiental e Agronomia. E teve ainda como parceiros/entidades integrantes do projeto: moradores do bairro Padre Ulrico, igreja Católica e de outras denominações religiosas; Clube de Mães, Grupo de Idosos, Posto de Saúde local; Secretarias Municipais: de Desenvolvimento rural e do meio Ambiente; Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Coletivo de Mulheres Agricultoras além de parceiros profissionais liberais entre outros. No fim do projeto, também um professor do curso de Farmácia da Universidade Paranaense (Unipar) se tornou parceiro das atividades em curso.

Após a liberação dos recursos pelo Programa de Extensão Universidade Sem Fronteiras da Fundação Araucária (Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior - SETI), no mês de setembro de 2015, o projeto passou a ser divulgado aos diversos segmentos do Bairro Padre Ulrico: Colégio Léo Flach (professores e alunos); Posto de Saúde (agentes de saúde e médicos); Clube de Mães; lideranças das igrejas (Católica e Protestante); grupos de jovens e idosos.

A ideia era fazer uma publicação bem abrangente para que os o maior número de pessoas possível de moradores pudesse participar e colaborar no andamento dos trabalhos. Para alcançar seus objetivos, o projeto utilizou-se de diversas formas de comunicação tais como: rádios, jornais locais, e-mails, ligações telefônicas, anúncios na página do projeto (facebook). E vários convites foram feitos também por telefone, pedindo-se que fossem replicados de morador a morador, pessoalmente. Ou seja, criamos uma rede de informações e contatos do projeto.

Um dos principais segmentos atingidos pelo projeto foi o Colégio Léo Flach. Ali foram realizadas diversas atividades envolvendo a participação dos alunos do colégio. Em uma destas atividades alguns moradores do bairro foram convidados a dividir com os alunos, em sala de aula, suas experiências/ saberes sobre plantas medicinais, abordando a questão da importância do cultivo e da utilização das plantas em processos de cura de doenças.

---

1

Lembramos com Darcy Ribeiro (1975) que a universidade, como importante espaço de debate sobre as necessidades da sociedade, deve estar de modo contínuo dando sua contribuição em pensar formas de renovação social, buscando a melhoria das condições de existência das populações, especialmente as mais pobres.



Além disso, mediante a participação dos professores do colégio (História, Geografia, Matemática, Ciências) os alunos foram mobilizados a realizar, a partir dos conteúdos das disciplinas, pesquisas com a utilização do livro “Plantas Medicinais” de autoria de Vunivaldo Cirilo Korbes (o popular Irmão Cirilo). E foram envolvidos na realização no plantio de sementes referentes a algumas espécies de plantas medicinais, sendo organizada neste momento uma pequena horta (medicinal) em um espaço da escola. E, posteriormente, os trabalhos/pesquisas concretizados pelos alunos foram apresentados na Feira de Ciências do Colégio, ao final do ano letivo de 2015.

Durante o andamento do projeto diversos cursos foram oferecidos à população do Bairro Padre Ulrico. Uma técnica da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) foi convidada a oferecer um curso envolvendo técnicas básicas de cultivo de plantas medicinais.

Na sequência, profissionais de diversas áreas como Nutrição, Assistência Social, Agronomia, Assistência Social, Terapia, entre outras, puderam mostrar, em vários outros cursos oferecidos, as vantagens e formas corretas de utilização, plantio, manipulação e uso das plantas medicinais. Dentre os muitos cursos oferecidos estão: identificação e cultivo de plantas medicinais; uso de plantas medicinais na culinária; formas de preparação de chás, pomadas e tinturas; cultivo manejo e uso de repelentes em plantas medicinais, Aroma terapia com plantas medicinais, entre outros.

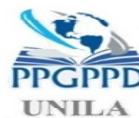
Para que o projeto pudesse ganhar corpo, foi firmada uma parceria com a Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão para utilização de uma área de 800 m<sup>2</sup>, no viveiro municipal situado no Parque Irmão Cirilo. Ali foi construída a horta medicinal do projeto. Para começar a horta, o projeto contactou, solicitou uma doação de plantas existentes no Refúgio Biológico da Itaipu Binacional. E esta disponibilizou ao projeto 55 espécies de plantas medicinais. O objetivo precípua era o de cultivarmos as mudas para, posteriormente, retirarmos dessas matrizes outras mudas que seriam oferecidas à população.

Os trabalhos de limpeza e adequação da área eram realizados através do sistema de mutirões. Nestes, moradores, professores, bolsistas e representantes da prefeitura contribuíam nas tarefas de plantio de mudas e sementes, limpezas periódicas e planejamentos de novos plantios. O ervanário contou, ao final de sua constituição, com um total de 60 espécies de plantas. Ademais, acenava-se também como local destinado à educação ambiental/agroecológica, chegando a receber alunos da escola Leo Flach para conhecer as plantas ali existentes.

Algumas viagens foram organizadas pelo projeto. Estas objetivaram oferecer aos seus participantes um aprimoramento dos conhecimentos acerca do cultivo e uso das plantas medicinais.

A primeira viagem foi realizada no Refúgio Biológico de Plantas Medicinais da Itaipu Binacional, em Foz do Iguaçu, envolvendo ao todo 33 moradores, bolsistas, professores, integrantes do Coletivo de Mulheres Agricultoras, do Clube de Mães e do Grupo de Idosos. Além da recepção calorosa oferecida pelos agentes da Itaipu Binacional ali foram também oferecidos importantes conhecimentos das formas de manejo relacionadas da diversidade de





plantas medicinais brasileiras. E os integrantes do projeto receberam ainda doação de algumas mudas para cultivo doméstico.

Nessa mesma viagem os participantes aproveitaram o itinerário para também visitar as Cataratas do Iguaçu, objetivando conhecer e se conscientizar a respeito da preservação da fauna e da flora brasileiras.

A segunda viagem teve como destino a cidade de Medianeira-PR. Os integrantes do projeto visitaram o Centro Popular de Saúde e o laboratório Yanten. Lá conheceram um pouco sobre a produção de remédios fitoterápicos e também de técnicas voltadas ao plantio de plantas medicinais a serem processadas em laboratório para se tornarem tinturas, xaropes, comprimidos etc. Nessa viagem estiveram presentes representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Prefeitura Municipal da cidade de Francisco Beltrão, coletivo das Mulheres Agricultoras, um professor do curso de Farmácia da Universidade Paranaense (UNIPAR), além da equipe da Unioeste.

A terceira e última viagem foi realizada no Horto Medicinal da Universidade Paranaense, localizada na cidade de Umuarama-PR. Nesta visita conhecemos grande parte dos trabalhos e técnicas de cultivo das plantas medicinais, bem como de equipamentos utilizados no processamento das plantas em laboratório, o qual é realizado por professores e acadêmicos de agronomia, farmácia e outros cursos da universidade.

Dentre muitos aprendizados, vale mencionar que formos ali apresentados à “chaguinha”, planta cujo nome científico é “*tropaeolum majus L.*”, a qual é comum nas regiões sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. Além de sua beleza floral, esta planta apresenta importantes princípios ativos no combate à hipertensão arterial, à diabetes e à osteoporose, entre outras qualidades (LOURENÇO et al, 2011).

Outra ação muito interessante organizada pelo projeto foi a “Feira de troca de mudas” entre moradores do bairro Padre Ulrico. Nesta, os moradores foram convidados e puderam comparecer no evento tanto para ganhar mudas que lhes interessassem quanto para oferecer aos seus vizinhos mudas extraídas de suas próprias plantas domésticas.

Esta experiência de trocas buscou estabelecer entre os moradores laços de solidariedade e cooperação no combate às doenças, ação está de fundamental importância no processo de resgate dos saberes referentes às plantas medicinais.

#### **4. O LIVRO DO “PROJETO RESGATANDO SABERES...”: o resgate das plantas medicinais para um melhor viver**

O uso das plantas medicinais acompanhou sem dúvida toda a história da humanidade. Flávio e Santos (2017) ensinam que nos mais diferentes e imemoriais tempos:

“Os africanos perceberam que consumindo *laranjas* combatiam o escorbuto. Indígenas dos Andes bebiam *casca de quina* no combate a febres. Já os índios brasileiros tiveram prolíficas experiências de cura com uso de plantas: *óleo de copaíba*, como analgésico e cicatrizante; *guaraná*, para aplacar disenterias ou como



energético; *maracujá*, contra febres; farinha de mandioca, em casos de envenenamentos e como vermífugo; o *sumo de caju*, para fortalecer o estômago e higienizar a boca; *tintas de jenipapo* e *óleo de andiroba*, em afecções da pele; *jaborandi*, em feridas na boca; *chambá*, contra tosse ou como bronco dilatador; *cabriúva*, como cicatrizante; *ipecacuanha* para controlar destemperos intestinais causados por beber água malsã; *marapuama*, como afrodisíaca... É imensa a lista de ervas medicinais “descobertas” e utilizadas pelos indígenas brasileiros. E, no processo de identificação das plantas, os aborígenes também iam descobrindo inclusive as substâncias nocivas à saúde humana (...).

Na evolução do uso das plantas medicinais no Brasil, desde os primórdios da ocupação os tratamentos de doenças acorreram à “sabedoria das selvas”:

“Frei Vicente do Salvador, ainda no século XVI, observara: “[...] não há enfermidade contra a qual não haja ervas em esta terra, nem os índios naturais dela têm outra botica ou usam de outras medicinas” (GURGEL, 2010, p. 60). O “Tratado descritivo do Brasil de 1587”, de Gabriel Soares de Souza, é tido como um “verdadeiro manual de terapêutica indígena”. Desde os primórdios era grande a descrição das plantas que os indígenas utilizavam (GURGEL, 2010, p. 62-3). (FLÁVIO, SANTOS, 2017).

Colocando-se como um importante patrimônio histórico e cultural, o uso de plantas medicinais foi um dos elementos de fundamental importância em todo o processo de ocupação do território brasileiro. Para isso contribuíram enormemente os saberes de indígenas, de negros trazidos escravizados da África, bem como de europeus e asiáticos que afluíram à *terra-brasilis* em períodos diversos. Somando-se aos conhecimentos oriundos da “sabedoria da selva” (indígenas):

“Nos navios, além de plantas comestíveis como a *jaqueira* e a *mangueira*, (escravos negros) traziam muitas ervas medicinais: *alcanfor*, utilizada em contusões, torções, reumatismo; *babosa*, contra queimaduras, gastrites, feridas, queda de cabelo; *boldo*, em problemas do fígado e de digestão (estômago); *manjeriço*, para males intestinais e como tônica; *malva*, para enfermidades da boca, da garganta, contra feridas e em males femininos (ovários, útero); *sene*, como laxante e para combate a febres, dentre tantas outras (KOCH, 2000).

E outras plantas medicinais foram introduzidas por europeus e asiáticos (portugueses, italianos, alemães, poloneses, japoneses, indianos etc.) que imigraram para o Brasil em tempos históricos diversos. Para citar apenas algumas delas: *agrião*, utilizada contra tosse, problemas renais e de fígado; *arruda*, para provocar menstruações e em problemas de feridas e piolhos; *alecrim*, para melhorar a circulação sanguínea e contra hemorroidas e úlceras; *camomila*, em cólicas e inflamações de pele/olhos; *capim-cidrô*, nos casos de gripes, baixa pressão, febres e como analgésico; *catinga de mulata*, em males de estômago, fígado, vermes, feridas; *confrei*, para cicatrizar feridas, em cortes e queimaduras; *endro*, para inflamações da boca, garganta, problemas intestinais e estomacais; *funcho*, em males intestinais, tosse e lactação; *gengibre*, para afecções de garganta e intestinais; *hortelã*, em problemas digestivos, como tônico e vermífugo; *losna*, para moléstias estomacais,



hepáticas ou de vermes e falta de apetite; manjerona, contra fraqueza muscular, resfriados e cólicas intestinais; *melissa*, como calmante, problemas do sono e digestivos; *sabugueiro*, para gripes, tosses, sarampo, varíola, caxumba; *salsa*, em dificuldades de digestão, hepatite, anemia, etc. (KOCH, 2000). (FLÁVIO, SANTOS, 2017).

Isso evidencia que uma riqueza incomensurável de saberes foi construída pela população brasileira acerca do uso de plantas medicinais, no decorrer de sua história.

Nesse sentido, uma das ações fundamentais do projeto “Resgatando saberes...” foi efetivar um registro das ações do projeto, às quais se somou uma pesquisa com a finalidade de publicar um livro divulgando as contribuições oriundas dos conhecimentos populares e científicos envolvendo o uso das plantas medicinais.

Desse modo, como uma de suas importantes tarefas concretizadas, editou-se o livro “Resgatando saberes: cultivo e uso de plantas medicinais (uma experiência no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão-PR)”, sendo dele impressos 1000 (mil) exemplares que foram ofertados à população do bairro Padre Ulrico e muitos outros moradores da cidade. Além de serem enviadas cópias do mesmo a bibliotecas de escolas e universidades locais e de outras cidades/regiões brasileiras.

Quanto ao conteúdo do livro, evidencia os passos da construção e disseminação das ideias do projeto. Busca sistematizar um amplo conjunto de saberes tanto populares quanto científicos envolvendo o vastíssimo leque das plantas medicinais utilizadas em Francisco Beltrão e em inúmeros territórios brasileiros.

De modo sintético, o livro também contempla diversos ensinamentos envolvendo técnicas para trabalhar o solo, cultivar, coletar, secar, armazenar e usar as plantas medicinais.

E, por fim, nele também foram colocadas à disposição dos leitores várias receitas e alternativas de uso das plantas sob a forma de chás, xaropes, tinturas e mesmo como alimento na culinária, com o propósito de auxiliar no combate às enfermidades para, assim, amenizar o sofrimento das populações, sobretudo as mais pobres, que habitam nosso país.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: a universidade e a práxis...

A experiência efetivada pelo projeto “Resgatando saberes...” se colocou como uma forma inédita de problematizar a importância do resgate desse patrimônio histórico, cultural e natural das plantas medicinais, o qual é bastante rico em todo o território brasileiro, mas que vem correndo o risco de ser esquecido ou abandonado pela população brasileira, face ao avanço do capital representado pelos interesses da indústria farmacêutica.

Os trabalhos efetivados no âmbito do projeto buscaram em sua essência, também, mostrar na prática que a universidade brasileira precisa cada vez mais abraçar formas de envolvimento com os problemas da população, tal qual ensinou o mestre Darcy Ribeiro.

Pois somente a construção de umas práxis ativa e emancipadora, a partir de projetos e ações práticas, pode se colocar como luz para a leitura e transformação do mundo.



Afinal de contas, para além de preencherem livros, as teorias acadêmicas devem servir principalmente para auxiliar na resolução dos problemas territoriais que tanto afetam nossas populações, sobretudo as mais pobres.

### Referências

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FLÁVIO, Luiz Carlos. *A geografia e os “territórios de memória” (as representações de memória do território)*. In: Faz Ciência, Volume 15 – Número 21– Jan/Jun 2013 – pp. 123-142.

\_\_\_\_\_. **Memória (s) e território**: elementos para o entendimento da constituição de Francisco Beltrão-PR. Tese Doutorado em Geografia. Presidente Prudente: Unesp, 2011.

FLÁVIO, Luiz Carlos (coord.) et al. **Resgatando saberes**: cultivo e uso de plantas medicinais (uma experiência no bairro Padre Ulrico, Francisco Beltrão-PR. Francisco Beltrão: Unioeste, 2016.

FLÁVIO, Luiz Carlos; ALVES, Roseli; Movimentos e projetos dos resgates dos saberes sobre as plantas medicinais no campo e na cidade em Francisco Beltrão-PR (BRASIL). In: SAQUET, Marcos; ALVES, Adilson. **Processos de cooperação e solidariedade na América**.

KROPOTKIN, Piotr. **Ajuda Mútua**: um fator de evolução; tradução de Waldyr Azevedo Jr, São Sebastião: A Senhora Editora. 2009

LOURENÇO, Emerson Luís Botelho et al. **ATIVIDADE DE Tropaeolum majus L.** Sobre a mobilização e migração leucocitária em modelo de bolsão inflamatório. Arq. Ciênc. Saúde UNIPAR, Umarama, v. 15, n. 3, p. 247-256, set/dez. 2011.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985. (Série Interpretações da História dos Homens).

\_\_\_\_\_. **Memória cultural, identidad y sociedad civil**. Indaga: Revista Internacional de Ciências Sociales y Humanas, Nº. 1, p. 5-17, 2003.

MENEZES, José Newton Coelho. A patrimonialização da vida: vivências, memória social e interpretação do patrimônio cultural. In: COSTA, E. B.; BRUSADIN, L. B.; PIRES, M. C.



(Orgs.). **Valor patrimonial e turismo**: limiar entre história, território e poder. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. A produção das estruturas territoriais e sua representação. In: SAQUET, Marcos, SPOSITO, Eliseu Savério. **Território e territorialidade**: teoria, processo, conflitos. São Paulo: Expressão Popular/Unesp-Programa de Pós-Graduação em Geografia, PP. 17-36, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **A universidade necessária**. 2ª. Ed., Rio de Janeiro: Paz e terra, 1975.

RICOEUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.